



São Gonçalo

Boletim da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos

nº008 | junho 2023

**A Junta que
todos junta!**

Museu de Lagos

**Preservar a
memória coletiva**

Festival dos Descobrimentos

O regresso do «Desejado»



Igreja de São Sebastião

Apesar de ser público o estado de degradação do edifício, sobretudo por fora, esta imagem do interior da Igreja de São Sebastião diz bem da imponência do templo e do imenso património que urge preservar. Oxalá que as entidades responsáveis, a começar em quem é dono do imóvel (Igreja), consigam rapidamente chegar a acordo para que não se perca um legado único da nossa cidade e região.

SãoGonçalo

Índice

- 04 Oratório de Páscoa
- 05 Estátua de D. Sebastião
- 06 As Maias
- 07 Museu de Lagos
- 08 Ciclismo
- 09 Festival dos Descobrimentos
- 10 Dia do Pescador
- 11 Caderno Freguesia
- 22 Desporto de A a Z: Futsal
- 23 Pelas Ruas da Freguesia:
 - António Barbosa Lobo de Viana
 - Património:
 - Antigo Posto de Turismo de Lagos

Executivo:



Presidente
Carlos Saúde
Fernandes



Secretário
José António do Espírito
Santo Nunes



Tesoureira
Neusa Eduarda
Gonçalves Graça Rocha



1ª Vogal
Olga Maria Valente
Fazenda



2º Vogal
Hugo Bento

Ficha Técnica

Propriedade Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos NIPC 510 837 433 **Sede (editor e redação)** Rua das Juntas de Freguesia, 12, 8600-706 Lagos **Edição** Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos **Diretor** Carlos Saúde Fernandes, Presidente da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos **Coordenação editorial e conteúdos** Miguel Sancho **Secretariado** Lurdes Messias **Paginação e Design** Francisco Espada **Periodicidade** Quadrimestral | Online **Publicação anotada na ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social**

Contactos

Telefone 282 763 827
Fax 282 764 637
Email geral@jfsgoncalolagos.pt
Site www.jfsgoncalolagos.pt



CENTRO DE INFORMAÇÃO AUTÁRQUICO
AO CONSUMIDOR DE LAGOS (CIAC)



Serviço gratuito de apoio e informação ao consumidor
Freguesia de São Gonçalo de Lagos: Terceira sexta-feira de cada mês
Marcação prévia (9h30-13h) pelo 282 763 827





Carlos Saúde Fernandes
PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA
DE SÃO GONÇALO DE LAGOS

«Nas juntas de freguesia as pessoas continuam a tratar-se pelo nome, ninguém sai sem que veja o assunto tratado ou no mínimo encaminhado e, mais importante do que tudo isto, ninguém fica para trás.»

Uma junta sempre próxima da população

Neste número do São Gonçalo, ao contrário dos anteriores em que o foco estava em entidades externas à autarquia, a nossa proposta passa por lhe dar a conhecer a realidade muito própria que é uma Junta de Freguesia.

Mais do que o que fazemos diariamente, quer eleitos, quer trabalhadores, o que tentámos que conhecesse melhor é o lado humano de uma Junta, uma característica única nas estruturas democráticas nacionais.

Enquanto presidente de uma junta de freguesia e membro da direção da Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE), é uma honra poder perceber o porquê das juntas serem vistas pelas populações como a garantia da proximidade para com os cidadãos.

Ao contrário de outras estruturas maiores, como os municípios ou o poder central, nas juntas de freguesia as pessoas continuam a tratar-se pelo nome, ninguém sai sem que ou veja o assunto tratado ou no mínimo encaminhado e, mais importante do que tudo isto, ninguém fica para trás.

Os testemunhos na primeira pessoa, que podem ser lidos nas entrevistas aos responsáveis máximos dos diversos setores da Junta, dão conta disso mesmo: há uma relação única entre a população de Lagos e a sua junta de freguesia que vai muito além do mero ato de servir publicamente a nossa população.

Enquanto primeiro presidente eleito desta Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos, só me posso congratular e, em meu nome pessoal e do Executivo que lidero, garantir que tudo faremos para que esta relação entre a Junta e os lacobrigenses se estreite cada vez mais.

Carlos Saúde Fernandes
Presidente da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos

CANTAR DOS REIS

Música e tradição de mãos dadas

Perante uma Igreja de São Sebastião lotada, decorreu a 5 de janeiro mais uma edição do tradicional "Cantar dos Reis", uma iniciativa da responsabilidade da Freguesia de São Gonçalo de Lagos com o apoio da Paróquia de Lagos.

Ao longo da noite fria, as almas aqueceram perante as fantásticas atuações do Grupo Coral da Igreja de São Sebastião, do Grupo Amigos Chincato do Rancho Folclórico e Etnográfico de Odiáxere, da Cel - Universidade Senior de LAGOS, da Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1.º de Maio e, por fim, do Grupo Coral de Lagos.

Uma noite de encantar que encarna verdadeiramente no espírito lacobrigense! •



ORATÓRIO DE PÁSCOA

Bach para celebrar os 450 anos da Cidade de Lagos

No dia 15 de abril, a Orquestra Barroca D'Aquém Mar, dirigida por Sigiswald Kuijken, apresentou o concerto Oratório de Páscoa de Bach na Igreja de São Sebastião, em mais um evento integrado na celebração dos 450 anos de elevação de Lagos a cidade.

O espetáculo, apoiado pela Junta de Freguesia de São Gonçalo, foi promovido pelas associações Questão Repetida e Artis XXI, e levou a «palco» Cecília Rodrigues (soprano), António L. Menezes (contrateno), Fernando Guimarães (tenor) e Tiago Amado Gomes (Baixo).

A ideia, segundo as entidades organizadoras, passava por prestar homenagem a um passado histórico importante e relevante no panorama nacional da cidade de Lagos, tendo encantado todos os que encheram este espaço religioso que tem condições únicas a nível da acústica. •



CARNAVAL DE LAGOS

Alegria espalhada pelas ruas da cidade

Como é tradição no nosso concelho, os festejos do Carnaval em Lagos tiveram o seu epicentro em Odiáxere, com a saída do corso no domingo e na terça-feira perante milhares de foliões. Porém, antes disso, na sexta-feira 17 de fevereiro, foi a cidade de Lagos a abrir os festejos do entrudo com o desfile do Carnaval Infantil, no qual participaram diversas escolas públicas e privadas de Lagos, para além de instituições sociais do concelho, como a NECI, a Santa Casa da Misericórdia, o CASLAS ou a Universidade Sénior. As ruas da cidade, sobretudo no seu centro histórico, encheram-se de alegria e boa disposição, num momento de convívio e partilha entre diferentes gerações. •





ESTÁTUA DE D. SEBASTIÃO

50 anos de um monumento muito à frente no tempo

Em 2023 assinala-se o cinquentenário da inauguração da estátua de D. Sebastião na praça Gil Eanes. Meio século depois, a obra de João Cutileiro continua o mais contemporânea possível.

O regime do Estado Novo estava no seu estertor final quando, em 1973, o País abria a boca de espanto com a inauguração da estátua de D. Sebastião, de João Cutileiro, em pleno centro histórico da cidade.

Perante um país atávico e tradicionalista, as reações na altura não foram as melhores. Habitados que estavam os portugueses a estatuária típica do século XIX e inícios do século XX, onde as poses majestosas dos ícones do passado

eram uma constante, a obra de Cutileiro rompeu com tudo isto e houve quem se propusesse a derrubá-la pois dava uma imagem negativa de D. Sebastião.

Quem, à época, entendeu o vanguardismo da mesma, sabe hoje, 50 anos depois, que tinha toda a razão. A peça, que em 2023 já não choca por ser contemporânea, continua a marcar a paisagem urbana da cidade e transformou-se num ícone da mesma.

Foi com base em tudo isto que, no

dia 18 de maio, o projeto "Gatilho", que visa promover a inclusão social das pessoas com deficiência através da expressão artística, organizou uma curiosa e muito interessante iniciativa cultural a fim de assinalar a data.

Assim, no âmbito do Projeto Cultural de Escola da Júlio Dantas "Equilíbrio" e da iniciativa "A Associação Cultural abraça a Escola", com direção artística de Pedro Domingues, houve lugar a um apontamento cultural com o objetivo de mostrar o trabalho desenvolvido desde janeiro de 2023 com múltiplos parceiros, com uma vertente multicultural e inclusiva.

Os trabalhos de reinterpretação da estátua do D. Sebastião foram da responsabilidade dos alunos da turma do 12.º D e do Grupo Gatilho (desenvolvido pela Questão Repetida e da NECI - Núcleo Especializado para o Cidadão Incluso em parceria com o Município de Lagos e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação «La Caixa»), sendo que depois do evento estiveram expostos nas instalações do LAC - Laboratório Actividades Criativas. •



AS MAIAS

Tradição que se mantém

No início do mês de maio, as ruas e mercados de Lagos foram enfeitadas com as famosas «Maias». Vamos conhecer um pouco mais desta tradição secular.

Manda a tradição que na noite de 30 de abril para 1 de maio se enfeitam portas, janelas e outros locais com flores e giestas amarelas e, em alguns lugares, como é o caso do Algarve, também com bonecas de palha enfeitadas.

A explicação remonta a tempos imemoriais, uma vez que os nossos antepassados já faziam isto para assinalar o fim do inverno e para pedir proteção e fertilidade para a terra. Segundo reza a história, as casas eram enfeitadas de noite para estarem todas cheias de flores quando o dia nascia e, dessa forma, afastavam-se «os maus espíritos».

A esta tradição chama-se «as maias», «os maios» ou «a flor do maio», e é dife-

rente consoante as regiões do país, usando-se também a expressão «pôr as maias à porta». Apesar de não haver unanimidade nas raízes deste ritual, é ponto assente que a «Maia» era uma boneca de palha de centeio, em torno da qual as pessoas dançavam na noite de 30 de abril para 1 de maio, sendo que podia ser também uma menina vestida de branco com coroas de flores, que estava sentada num trono cheio de flores e em volta de quem se cantava e dançava.

Sendo uma festa pagã, chegou mesmo a ser proibida várias vezes em Portugal, até através de Carta régia, uma vez que remetia para celebrações pré-cristãs, já que Maia era a deusa romana da fecundidade, sendo associada à festa dos «Floralia», realizada nos primeiros três dias de maio. A este respeito, importa referir que muitas das lendas e tradições

que foram adotadas pela Igreja Católica têm raízes pagãs, uma vez que a Igreja Católica adotou grande parte dos rituais pagãos a fim de facilitar a integração do paganismo para o catolicismo.

As Maias em Lagos

Apesar de ser vivida historicamente um pouco por todo o País, Lagos é das zonas onde a tradição tem mais impacto e isso vê-se pela imensa participação de toda a comunidade que não deixa morrer este ritual.

Anualmente, como aconteceu este ano, a Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos colabora com pessoas e instituições que continuam a perpetuar a celebração, expondo em locais públicos – principais artérias, mercados e escolas – os trabalhos realizados com tanto amor e carinho. •



LITERACIA FINANCEIRA E CONFLITOS DE CONSUMO

Autarquias promovem sessões informativas

No dia 15 de abril, a sede da Junta de Freguesia foi palco de uma sessão sobre «literacia financeira e resolução de conflitos de consumo», promovida pelo Município de Lagos através do CIAC (Centro de Informação Autárquico ao Consumidor) e do CIMMAL (Espaço do Cidadão de Lagos).

Perante uma audiência atenta e com a presença de Sandra Oliveira, vereadora da Câmara

Municipal de Lagos com o pelouro das Atividades Económicas, os trabalhos versaram sobre a importância do esclarecimento dos direitos dos consumidores em áreas tão relevantes como a banca, seguros, telecomunicações e habitação, tudo isto numa altura em que as taxas de esforço dos portugueses, sobretudo em matéria de empréstimos, têm crescido a um ritmo permanente.. •

Preservar e perpetuar a memória coletiva



Assinalando o Dia Internacional dos Museus, que se celebrou a 18 de maio, o Museu Municipal de Lagos lançou uma iniciativa que promete ser histórica no contexto local: o projeto «Memória em Ação: as minhas memórias, a nossa história».

O objetivo da equipa multidisciplinar do Museu, chefiada por Elena Morán, passa por fazer uma recolha da memória dos lacobrigenses, iniciando-se nas mais velhas gerações, a fim de criar um espólio imaterial que permita às futuras gerações saber, de forma científica, um pouco mais de uma Lagos que se está a perder no tempo.

Para que este projeto avance, como foi dito na apresentação que decorreu na Igreja de Santo António, o papel das jun-

tas de freguesia é vital, uma vez que serão estas estruturas públicas que farão a ponte entre os técnicos do Museu Municipal e os cidadãos comuns que, no seu íntimo, são eles próprios um verdadeiro museu com vida.

No caso da **Freguesia de São Gonçalo de Lagos**, Carlos Saúde doou as bandeiras oficiais das antigas juntas de freguesia de Santa Maria e de São Sebastião, assim como duas monografias sobre as mesmas, para além da bandeira de São Gonçalo de Lagos.

A partir de agora e a um ritmo trimestral, iniciar-se-ão os momentos de recolha de memórias, em local e data a anunciar, sendo que o sucesso da iniciativa está sempre dependente da participação voluntária de todos os lacobrigenses. •

SEMANA VERDE DE LAGOS

Mais e melhor ambiente

Começa a ser uma tradição e uma boa tradição. Falamos da Semana Verde de Lagos, uma iniciativa da Câmara Municipal que conta com o apoio das juntas de freguesia do concelho e a participação de escolas, empresas, associações e outras instituições públicas e privadas da nossa comunidade.

Uma vez mais, o epicentro das celebrações aconteceu no Parque do Anel Verde, onde voltaram a ser plantadas árvores de espécies autóctones, enquanto que na Escola Básica de Santa Maria era hasteada a bandeira verde que prova a continuidade do projeto eco-escolas, que conta com o apoio da Junta de Freguesia.

Os mais novos, em contacto com a terra, puderam conhecer mais sobre a flora da nossa região, bem como deixar o seu contributo para uma cidade e um concelho mais verde e amigo do ambiente. •



CARAVELA
«BOA ESPERANÇA»

Descobrir os Descobrimentos

A caravela «Boa Esperança», ancorada em Lagos, é agora um Centro Interpretativo apto a dar a quem a visita uma experiência única.

No dia 21 de abril foi inaugurado um centro interpretativo muito especial, uma vez que, ao invés de estar em terra, fica localizado em plena caravela «Boa Esperança» que, como se sabe, está atracada no Cais da Ribeira de Bensafrim.

Segundo a Câmara Municipal de Lagos, «o projeto materializa a aposta da Região de Turismo do Algarve e do Município numa oferta cultural diferenciada e pretende levar os visitantes numa viagem à epopeia dos Descobrimentos, dando a conhecer melhor o papel do Algarve e das caravelas neste contexto histórico», nomeadamente através de uma experiência educativa e sensorial.

Assim, a cidade ganha um novo polo de atração pedagógico e turístico, cujas visitas serão desenvolvidas pelo Centro Ciência Viva de Lagos. A transformação da Caravela Boa Esperança em centro interpretativo sobre os Descobrimentos Portugueses foi integrada na candidatura EXPLORATERRA, cofinanciada pelo programa INTERREG V-A Espanha-Portugal (POCTEP). •



CICLISMO

Todos os caminhos vão dar a Lagos

Para os amantes do ciclismo da nossa região, os primeiros meses do ano foram marcantes. No dia 15 de fevereiro, Lagos acolheu uma vez mais a conclusão da primeira etapa da Volta ao Algarve em Bicicleta, num megaevento desportivo que levou milhares de lacobrigenses à Avenida dos Descobrimentos.

De resto, a «Algarvia» continua a mostrar o porquê de ser a melhor prova velocipédica disputada em território nacional, uma vez que os grandes nomes do

ciclismo mundial continuam a marcar presença, entre eles os dois portugueses que mais prestígio têm granjeado além-fronteiras: João Almeida e Rui Costa. Este ano, a vitória coube ao colombiano Daniel Felipe Martinez, sendo que em Lagos o mais forte foi o norueguês Alexander Kristoff.

Mas nem só de ciclismo de estrada se fez este ano de 2023, uma vez que, de 14 a 16 de abril, o Grupo Popular das Portelas e a Associação de Amigos de Almádena,



com o apoio da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos, levaram a cabo a primeira edição do Lagos Bike Aventura, uma prova de BTT que promete marcar o calendário velocipédico nacional.

Ao longo de três dias, mais de uma centena de praticantes desta modalidade tiveram oportunidade de mostrar toda a sua força e destreza num percurso que os levou ao Algarve mais profundo, passando pela serra, pelo barrocal e terminando junto ao mar. •



Instale a aplicação para aceder a toda a informação sobre a nossa freguesia.



Siga-nos no facebook.

11.º FESTIVAL DOS DESCOBRIMENTOS

D. Sebastião de regresso, mas sem nevoeiro!



Centenas de participantes, quer no desfile, quer na Feira Quinhentista que se lhe seguiu, deram um colorido muito especial a um festival que a cidade de Lagos já tinha saudades de realizar. Um mergulho no tempo com 450 anos que não deixou ninguém indiferente...

No ano da graça de 1573, Dom Sebastião chegava à então ainda vila de Lagos e desfilava para gaudío da população. Depois do Infante D. Henrique, o «Desejado» foi o elemento de uma família real que mais marcou a cidade de Lagos e as suas gentes, ou não fosse ele o monarca que elevou Lagos a cidade, faz agora precisamente 450 anos.

Foi essa entrada apoteótica de Dom Sebastião que, no passado dia 4 de maio, as gentes de Lagos fizeram questão de recordar. Mais do que os elementos contratados para figuração e espetáculos ou

os animais que compunham o desfile, o impactante é mesmo a forma como a sociedade civil lacobrigense se uniu e empenha para que o «seu» festival dos descobrimentos continue a ser uma realidade.

Autarcas, entre eles os presidentes do Município, Hugo Pereira, e da Junta de Freguesia de São Gonçalo, Carlos Saúde, deram o mote e a bênção ao desfile, ou não estivessem ambos envergando os trajes de frades. Com eles desfilaram, além de vereadores e outros membros dos executivos das juntas, centenas de

representantes de coletividades, escolas, IPSS's, além de utentes de instituições públicas e privadas do concelho, numa clara demonstração do carinho que as gentes de Lagos têm por este festival que evoca os tempos áureos da cidade.

Depois, ao longo de cinco dias, espetáculos musicais e de dança, cortejos, mostras de artesanato e gastronomia, tudo isto com muita animação e programas históricos, foram a nota dominante de uma festa diferente entre as demais e que, ano após ano, continua a surpreender quem nos visita.

Depois da ausência, face à pandemia, do Festival em 2021, este ano houve tempo para matar saudades e mostrar que Lagos continua a ser a verdadeira «Capital dos Descobrimientos». •

DIA DO PESCADOR

Celebrar os verdadeiros «heróis do mar»



Anualmente, celebra-se a 31 de maio o Dia Nacional do Pescador, data instituída pelo Conselho de Ministros em 1998 com o objetivo de «reconhecer a inequívoca importância do papel desempenhado pelos pescadores portugueses e o contributo decisivo que eles sabem dar para a evolução do nosso país».

Numa cidade como Lagos em que em vez de sangue mais parece correr nas veias das suas gentes a água salgada, esta data há muito que entrou no imaginário do nosso povo que vê esta festa como um marco de justiça.

Desde sempre que a Junta de Freguesia, em conjugação com as paróquias de Lagos e o Município, apoia a realização desta festa popular e, em 2023, não foi exceção. O programa contemplou a realização de uma pequena celebração litúrgica em honra de todos os que fazem do mar a sua casa, assim como a bênção dos barcos e um passeio, que toda a população pode participar, até à Ponta da Piedade.

Com as embarcações enfeitadas a preceito, foram muitos os que aproveitaram o sol quente deste final de maio para se juntarem a quem faz da pesca um modo de vida. Muitos outros associaram-se aos festejos, acenando alegremente do passeio da Avenida dos Descobrimentos.

Para o fim, ou não estivéssemos em Portugal, ficou a festa e a gastronomia. Em pleno Bairro 25 de abril, numa das zonas da nossa freguesia com mais tradição da pesca, foram largas centenas as pessoas que se associaram às festividades abrilhantadas pela presença de Humberto Silva em palco. •



FREGUESIA DE
SÃO GONÇALO DE LAGOS

Juntos à volta da Junta

Neste número do São Gonçalo propomos-lhe um olhar por dentro do que é a sua Junta de Freguesia. Não apenas um olhar frio para os números, mas sim um mergulho na história desta autarquia e das juntas de freguesia no nosso País.

Ao contrário de muitas outras freguesias em que foram cometidos erros que perduram até hoje, o processo desenvolvido por conta da vinda da Troika a Portugal em 2011 que originou a união das juntas de freguesia de São Sebastião e Santa Maria na Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos foi, pode hoje dizer-se, um sucesso.

Ao invés de outras uniões de Freguesia que nunca foram aceites por parte das respectivas populações, em Lagos, o facto de ambas as autarquias partilharem a mesma sede e tendo em atenção que ambas geriam o espaço urbano da cidade, fez com que a junção de São Sebastião e Santa Maria tenha decorrido de forma positiva e pacífica, nascendo assim uma freguesia de grande dimensão, eminentemente urbana (embora tenha

vastas zonas rurais nas suas fronteiras) e virada para o futuro.

Neste Caderno Especial, propomos-lhe que viaje connosco ao interior da sua Junta de Freguesia e que conheça mais sobre o que fazemos e quem somos. Falámos com o pessoal que dá a cara pela autarquia, rostos que a população se habituou a respeitar e – acima de tudo – a confiar.

E é precisamente a palavra «confiança» aquela que mais importa destacar. Num momento em que a confiança dos portugueses na democracia e os agentes políticos se tem vindo a desgastar, as juntas de freguesia continuam a ser um caso à parte, pois os portugueses olham para este pilar da democracia nacional como o derradeiro garante de que alguém os ouve e entende, sem ser preciso um documento, uma ação legal ou uma queixa.

Das competências das juntas à sua história, sem esquecer o papel que estes órgãos de soberania terão no futuro, embarque connosco nesta jornada que pretende abrir as portas da sua junta a todos os lacobrigenses.

Junte-se a nós. Junte-se à sua Junta.

Crónica de uma autarquia anunciada



A Constituição da República Portuguesa, também chamada de Lei Fundamental, diz no seu artigo 235 que as Juntas de Freguesia «são pessoas coletivas territoriais dotadas de órgãos representativos, que visam a prossecução de interesses próprios das populações respetivas». Porém, os termos da Lei, sempre frios e rigorosos, não são capazes de explicar o que de facto é uma Junta de Freguesia. E não consegue porque falta a esta descrição jurídica um elemento fundamental: as pessoas.

Sim, são as pessoas que fazem uma Junta de Freguesia. Desde logo, os homens e mulheres que compõem o Executivo e a Assembleia de Freguesia, eleitos democraticamente pelo povo e, por isso, seus dignos representantes. Depois, os trabalhadores dessa mesma Junta de Freguesia, pessoas que, nas suas carreiras profissionais, vão quase sempre muito mais além daquilo que são as suas responsabilidades legais, porque sabem a forma como a população olha para eles,

depositando uma confiança única e sem paralelo no panorama das instituições políticas nacionais.

Dizer que uma Junta de Freguesia é apenas um espaço onde se emitem certidões ou se faz o recenseamento da população é apenas minorizar todo um mundo que está para lá das competências próprias. De facto, uma Junta de Freguesia é vista pelos portugueses como um pilar vital da democracia, o espaço onde o povo português encontra, invariavelmente, um

apoio fulcral, representando o início e o fim do regime democrático e republicano em que vivemos.

Quando outras portas se fecham, as da Juntas de Freguesia quase sempre se abrem. E é precisamente essa realidade única que faz das Juntas de Freguesia um fenómeno muito português, com pouco paralelo noutros países europeus.

Da junta de paróquia à modernidade

Historicamente, há autores que remetem a criação das juntas de freguesia à época do império romano. Porém, é mais ou menos consensual, tal como refere José António Santos no seu obra «As Freguesias – História e Atualidade» (1995), que as freguesias começaram a ganhar projeção na Idade Média, afirmando-se crescentemente como «organizadoras do universo comunitário local»



e que, em seu redor, estabelecem-se laços «religiosos, culturais, educativos e assistenciais das populações», revelando a existência de velhas preocupações sociais que foram transportadas até ao presente e continuam a constituir parte significativa das competências e da atividade das atuais freguesias.

Porém, e ainda segundo o mesmo autor, é com a revolução liberal que se dá a plena afirmação das chamadas Juntas de Paróquia, em que a paróquia passou de circunscrição eclesiástica à entidade administrativa dos nossos dias. Assim, pode dizer-se que a atual freguesia, embora herdeira de muitas das características da paróquia que a antecedeu, foi um fruto da revolução liberal.

É de resto com o Liberalismo que se inicia uma sucessão de acontecimentos que começaram precisamente com a criação, em 1830, das juntas de paróquia, com «atribuições na área do culto religioso, mas com direito a promoverem e administrarem todos os negócios que fossem de interesse puramente local. Cumpria-lhes conservar e reparar a igreja paroquial, receber e administrar os rendimentos e esmolas da igreja, mas, também,

cuidar da conservação de fontes, poços, pontes, caminhos, baldios, e, por outro lado, cuidar da saúde pública e vigiar as escolas do ensino primário».

Depois, a partir da reforma administrativa de 1878, a freguesia passou a ser considerada uma autarquia local e iniciou um percurso de consolidação como entidade administrativa, mantendo, no entanto, ligação à igreja, da qual só viria a afastar-se na vigência da Primeira República.

É precisamente com a Revolução Republicana que se dá a grande mudança, com o novo regime a reconhecer aos corpos administrativos independência perante o poder central, dotando as autarquias de órgãos executivos próprios, adotando princípios descentralizadores e autonómicos remetendo a capacidade de anular ou modificar as suas deliberações para os tribunais, alargando ainda o rol de competências e permitindo o recurso às contribuições diretas e a empréstimos que passaram a fazer parte das suas fontes de financiamento. É neste período que a paróquia civil adquire a denominação de freguesia, e o seu corpo administrativo a designação de junta de freguesia.

Porém, os ganhos de autonomia durante o regime liberal e na primeira república rapidamente foram perdidos no Estado Novo. Com a tomada do poder pelos militares, em 1926, dá-se início a um novo período, só interrompido 48 anos mais tarde, caracterizado pelo retrocesso em vários aspetos da vida das freguesias, salientando-se a perda de independência e autonomia.

As juntas de freguesia continuavam a ser eleitas, embora por um colégio eleitoral restringido aos chefes de família, mas podiam ser destituídas pelos presidentes de Câmara, ou pelos governadores civis, no caso de Lisboa e Porto, que exerciam a tutela de natureza inspetiva e corretiva sobre as freguesias, isto apesar de terem menor legitimidade democrática uma vez que não eram eleitos.

Foi preciso esperar pelo 25 de Abril e pela nova Constituição, aprovada em 1976, para que as juntas de freguesia ganhassem o estatuto que têm hoje, sendo órgãos de soberania completamente autónomos de outro qualquer poder, com competências próprias e outras delegadas dos municípios ou mesmo do poder central. •

Da Lei à solidariedade para com os mais desfavorecidos



Desde a aprovação da Constituição da República Portuguesa, em 1976, que as Juntas de Freguesia têm competências próprias que fazem destes órgãos políticos um dos pilares da democracia.

A última grande alteração legislativa ocorreu quando foi aprovada a Lei 75/2013, que define o **Regime Jurídico das Autarquias Locais**. Nesse documento, pode ler-se que compete às Juntas de Freguesia, entre outras, algumas competências vitais que passam pela elaboração das Grandes Opções do Plano, propostas de orçamento, adquirir ou alienar bens imóveis, estabelecer normas de controlo interno e inventários de bens, elaborar e submeter à aprovação da assembleia de freguesia os projetos de regulamentos externos da freguesia, ou ainda discutir

e preparar com a câmara municipal contratos de delegação de competências e acordos de execução, nos termos previstos na presente lei.

Para além destes, compete ainda às Juntas de Freguesia:

- 1 – Preparar com as organizações de moradores protocolos de delegação de tarefas administrativas que não envolvam o exercício de poderes de autoridade;
- 2 – Deliberar sobre as formas de apoio a entidades e organismos legalmente existentes, pronunciar-se sobre projetos de construção e de ocupação da via pública e colaborar, nos termos acordados com a câmara municipal, na discussão pública dos planos municipais do ordenamento do território;

- 3 – Colaborar com a autoridade municipal de proteção civil na iminência ou ocorrência de acidente grave ou catástrofe;

- 4 – Promover a conservação de abrigos de passageiros existentes na freguesia;
- 5 – Conservar e promover a limpeza de balneários, lavadouros e sanitários públicos, parques infantis públicos e equipamentos desportivos de âmbito local.

Porém, além de todas estas e outras competências, o grosso do trabalho das Juntas de Freguesia passa essencialmente pela emissão de licenças de canídeos e atestados de residência, tudo isto sem esquecer o trabalho vital de manutenção e conservação de caminhos rurais, zonas pedonais e zonas verdes, mais es-



pecificamente no caso de Lagos daquelas que estão no perímetro das escolas do primeiro ciclo.

Porém, é bom não esquecer que as competências não se ficam por aqui e chegam a áreas tão diversas como a toponímia, o apoio a atividades de natureza social, cultural, educativa, desportiva, recreativa ou outra de interesse para a freguesia, apoio a entidades nacionais responsáveis pelas estatísticas ou ainda apoiar a realização de atos eleitorais.

A Lei até à Grei

Se nas linhas anteriores nos debruçámos sobre o primado da Lei, importa notar que há todo um outro mundo de competências que vai muito para além do enunciado jurídico que prevê a Constituição e as leis específicas que foram aprovadas nos últimos 48 anos.

Se antes falámos da Lei, falemos então da Grei (povo) e do trabalho subterrâneo que os milhares de trabalhadores das juntas de freguesia do país fazem diariamente. Quem se recorda do Portugal

dos anos 70 e 80 tem bem noção, por exemplo, do trabalho de sapa que era realizado pelos funcionários das juntas de freguesia que, não poucas vezes, eram as pessoas escolhidas pelos milhares de analfabetos para ler cartas de familiares ou documentos administrativos que não conseguiam entender.

Poderíamos dar um sem número de exemplos desta área, muitos deles que ainda hoje acontecem mas com menos

frequência, como a ajuda no preenchimento do IRS (sobretudo para a terceira idade), informação técnica sobre como iniciar um processo urbanístico ou até verdadeiros tutoriais de língua portuguesa para aqueles que, iniciando uma vida nova no nosso país, não tinham qualquer conhecimento do português ou da forma de funcionamento das instituições no nosso País.

E não se pense que tudo o que falámos faz parte do passado. No caso de São Gonçalo de Lagos, a questão do apoio aos imigrantes continua a ser um trabalho recorrente, sobretudo entre as comunidades asiáticas que nos últimos anos têm escolhido a nossa freguesia para viver e trabalhar.

Outro bom exemplo da contemporaneidade deste tipo de atuação personalizada pode ser observada durante a realização dos últimos censos, onde a Junta de Freguesia serviu para apoiar todos os infoexcluídos que não conseguiam a plena utilização das ferramentas digitais disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Estatística.

Por fim, deixamos aquele que é o melhor exemplo de como a Junta de Freguesia pode ir muito mais além do que a Lei obriga: a Covid-19. Durante os períodos mais negros do isolamento, as juntas de freguesia, como a de São Gonçalo, foram vitais para o apoio a cidadãos isolados da comunidade, sem abrigo, pessoas com deficiência, terceira idade ou ainda famílias com graves carências financeiras, sendo que no caso da nossa freguesia esse trabalho foi realizado no âmbito da Rede Social, a par do Município de Lagos e de muitas outras instituições de solidariedade social da freguesia, com o apoio das forças de segurança e proteção civil. •



LURDES MESSIAS

«Se não fossem as Juntas de Freguesia havia muita gente a ficar para trás»

Há 42 anos que a vida de Lurdes Messias se confunde com a Junta de Freguesia. Primeiro em Santa Maria, depois em São Gonçalo de Lagos, a vida desta servidora pública tem sido marcada por um permanente contributo na vertente administrativa da autarquia.



Falámos com Lurdes Messias sobre a evolução que sentiu na pele, as mudanças que marcaram o rumo de uma junta que nasceu dividida em duas e que hoje é uma das maiores do Algarve.

Como foi o seu percurso de vida até chegar aqui?

Comecei por fazer um part-time na Junta de Freguesia de Odiáxere, ainda sem idade oficial para trabalhar, e num regime de voluntariado para fazer a atualização dos cadernos eleitorais, uma vez que só existiam de forma manuscrita e era preciso passar tudo à máquina de escrever.

Depois, em 1980, iniciei as minhas funções como funcionária da Junta de Freguesia de Santa Maria. Depois, na última década, passei a ser trabalhadora da Junta de Freguesia de São Gonçalo, o que acontece até hoje.

Como olha para uma junta de freguesia do final dos anos 70 e na atualidade? Dá para comparar estas duas realidades?

Não tem nada a ver. Mesmo nada. Quando comecei, era tudo muito amador, quase como se fosse uma associação ou um clube de bairro. É preciso recordar, sobretudo às gerações mais novas, que nessa altura as juntas de freguesia só funcionavam à noite, depois do pessoal do executivo sair dos seus trabalhos.

E que junta de freguesia de Santa Maria era essa em 1980?

Nada era informatizado, tudo era feito à máquina de escrever e ainda havia muitos registos manuscritos. Usávamos papel químico para os duplicados e triplicados e cada processo demorava uma eternidade até ficar concluído. Quando entrei, era a única trabalhadora administrativa de Santa Maria e São Sebastião tinha também apenas uma.

Qual foi o momento da grande mudança?

A informatização mudou tudo e, com a entrada de Portugal na União Europeia, a mudança foi ainda mais acentuada. Foi a partir daí que os «reports» que fazíamos

ao Tribunal de Contas passaram a ser mais completos e já não eram feitos em papel, mas sim através do envio de informação digital. Em termos contabilísticos, os anos 80 e início dos anos 90 também trouxeram grandes alterações, sobretudo a partir do momento em que o POCAL (Programa de Contabilidade da Administração Local) entrou em vigor.

Visto a esta distância, não era estranho haver duas juntas de freguesia a funcionar no mesmo espaço?

Agora percebemos que era uma realidade que não fazia muito sentido, mas os lacobrigenses estavam habituados e nós, trabalhadores, também. Acabávamos por partilhar serviço, ajudar-nos mutuamente, pelo que internamente já havia uma espécie de união de freguesias que não estava no papel.

Havia fricção entre as autarquias?

Entre o pessoal não. Por vezes, havia pequenos conflitos institucionais com membros dos executivos, mas nada de extraordinário. Houve sempre bom am-

biente e uma união em torno de Lagos e da sua população.

Como foi a fusão? Pareceu lógico na altura?

Havia métodos de trabalho diferentes que tiveram de ser harmonizados e houve necessidade de conciliar tudo, não ferindo suscetibilidades de ninguém, pois eram fórmulas que estavam consolidadas há muito tempo. Penso que o bom ambiente que se vivia entre o pessoal de ambas as autarquias ajudou bastante, mas os momentos de mudança nunca são fáceis nas estruturas públicas.

Que balanço faz desta união?

A agregação teve pontos muito positivos, quer a nível de redução de custos, quer pela facilidade dada aos fregueses. Acabaram também as pequenas disputas internas e todos se uniram em prol de uma única cidade.

É com a criação da freguesia de São Gonçalo que se dá o crescimento do quadro de pessoal?

Sim, é esse o momento, até porque a Santa Maria não tinha pessoal operacional e passou a ter também. É a partir daí que a Junta passa a dispor de meios próprios para intervir no terreno e, com isso, ganhar mais autonomia em relação à Câmara Municipal.

Em termos de gestão interna, uma Junta funciona como uma pequena empresa?

Em termos genéricos somos considerados uma microempresa. Porém, tanto na vertente contabilística como em termos de gestão de pessoal há sempre muito trabalho a fazer, pois tudo tem de ser validado por entidades superiores, como o Tribunal de Contas ou a DGAL (Direção Geral da Administração Local). Caso a Junta tivesse mais de um milhão de euros de receitas, aí sim saltaríamos mais um passo e passaríamos a ter uma contabilidade ainda mais complexa.

A burocracia foi sempre um problema?

Sempre, desde o início. Apesar de programas como o «Simplex» dizerem que iríamos desburocratizar, a necessidade do controlo dos custos por múltiplas



entidades faz com que haja sempre uma burocracia enorme em tudo o que fazemos. Ainda hoje custa-me imenso atender um freguês que tem de ir a três ou quatro serviços distintos (Segurança Social, Finanças ou outros) porque não há uma partilha de informação entre entidades diferenciadas. Quem perde com isso é a população que tem de se deslocar de serviço em serviço para ver o seu processo resolvido.

Os atestados de residência continuam a ser uma das principais funções da Junta?

Sim, sobretudo entre a comunidade estrangeira que vive e trabalha em Lagos, pois precisam desse atestado para apresentar ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Nem sempre é fácil ajudar pessoas que nem o português dominam...

É muito difícil para eles, é verdade. Cada caso é um caso e aquilo que julgamos que é universal, como um cartão de cidadão, nem sempre o é, pois em vários países nem sequer existe. O contacto com a Junta de Freguesia é, normalmente, a primeira tomada de consciência deles com a máquina burocrática do Estado Português, máquina essa que não entendem de todo. Tentamos ajudar ao máximo, muitas vezes sem sequer termos uma língua comum que permita uma boa comunicação, mas confesso que por vezes é muito difícil.

Além dos que não dominam o português, ainda há os analfabetos ou os infoexcluídos...

Pois há e nós aqui sentimos bem isso. O Estado cria programas a pensar que todos estão no mesmo comboio, mas não é bem assim. Depois acabamos por ser nós, juntas de freguesia e câmaras municipais, que somos confrontados com a dura realidade das múltiplas exceções.

Dois exemplos disso mesmo foram os Censos de 2021 ou a Covid-19. As medidas eram impostas, como as APP da Saúde24 ou o preenchimento online dos Censos, mas se não fossem as juntas de freguesia a resolver os problemas de quem não tem telemóvel, não sabem mexer na internet ou nem sequer conseguem entender o que

lhe é pedido, haveria muita gente a ficar para trás.

Como vê o aumento das competências para as juntas?

Vejo como um desafio, mas também com alguma preocupação, uma vez que vejo as juntas de freguesia como entidades que precisam de mais e melhores condições. No nosso caso, temos uma necessidade imensa de um novo espaço, pois para crescer o número de competências precisamos de mais pessoas, mais equipamentos e melhores condições para a população e para o pessoal.

Como imagina as juntas de freguesia do futuro?

Vejo-as como «minicâmaras municipais», sobretudo aquelas que, como São Gonçalo, gerem áreas urbanas. Ainda assim, espero que as juntas continuem a ser locais diferenciados da restante administração pública, onde as pessoas continuem a ser tratadas como tal e não como números. Essa proximidade é vital e é isso que faz das juntas de freguesia algo muito diferente do que é o Estado.

Sente que todo este percurso, a nível pessoal, tem valido a pena?

Sinto que sim. Sempre que alguém nos agradece, sempre que alguém reconhece o que fazemos com um sorriso na cara, aí sim sinto que valeu e vale a pena trabalhar numa casa como esta. A casa de todos, a casa do povo. *



LICÍNIO ROSA

«Aqui somos uma família»

Licínio Rosa tem 50 anos e está na família da Junta desde 2012. Hoje é o responsável pelo setor operacional da autarquia, um grupo de homens que tentam chegar a todo o lado para resolver os problemas inerentes a uma freguesia com mais de 35 mil habitantes. Fomos falar com ele e perceber o porquê desta equipa ter um espírito de grupo admirável.

Nasceu na pequena aldeia de Barril de Alva, junto a Arganil, no distrito de Coimbra, mas há 35 anos que chegou ao Algarve para não mais partir. Licínio Rosa é o rosto que lidera uma equipa operacional de uma dúzia de homens, capazes de fazer de tudo um pouco, desde o tratamento das zonas verdes das escolas, arranjo de calçada ou limpeza

de caminhos e margens da ribeira de Bensafrim, entre um sem número de outras pequenas e grandes intervenções no espaço público.

Como se deu a sua entrada na administração pública?

Sempre trabalhei nas obras e, quando a empresa onde eu estava faliu, inscrevi-me no Centro de Emprego. Passado pouco tempo, apareceu a hipótese de vir trabalhar para a Junta porque estavam a precisar de pessoal operário. Em boa hora vim e não tenciono sair tão cedo...

Trocou o Norte pelo Sul...

Pagava-se muito mal na minha terra. Aqui no Algarve os ordenados e as condições de trabalho eram melhores e por isso vim à aventura.

Como foram os primeiros passos aqui?

Quando comecei a equipa era pequena e tínhamos de fazer de tudo um pouco: calçada, arranjos verdes, limpeza de terrenos, pequenas reparações nas escolas como torneiras, autoclismos, luzes, enfim, de tudo um pouco.

Muitos dizem que na função pública trabalha-se pouco...

Há quem diga isso, mas não é verdade. Não podiam estar mais errados. Trabalha-se muito, tanto ou mais do que no privado, mas, mais importante do que tudo isso, trabalha-se bem.

E aqui têm segurança no trabalho e segurança no posto de trabalho...

Essa é uma das grandes diferenças para melhor. Apesar dos ordenados serem mais baixos do que no privado, a segurança no trabalho é muito importante para todos nós. Temos as máquinas e os acessórios de que precisamos e isso conta muito porque sabemos os riscos que muitos correm por esse país fora.

«Desde que mudámos de estaleiro tudo mudou para melhor»



E ainda a segurança laboral...

Além da segurança pessoal, também conta muito para a motivação dos homens sabermos que aqui não há ordenados em atraso nem faltas com qualquer tipo de pagamento. Todos nós que aqui estamos, sabemos bem os problemas que por aí andam, com patrões que prometem muito e, no momento do pagamento, desaparecem ou inventam desculpas para não cumprir o que disseram.

E agora com melhores condições...

Desde que mudámos de estaleiro e passámos a trabalhar no edifício que será a futura sede da junta, tudo mudou para melhor. Sabemos que é uma solução temporária, mas para já não nos podemos queixar de nada. Temos espaço, temos bom equipamento, os homens andam motivados e isso vê-se no trabalho que fazemos: somos muito exigentes connosco próprios e temos muito orgulho em ver as pessoas satisfeitas quando acabamos uma obra.

Alguma obra em particular que tenha tido um gosto especial em realizar?

Sem dúvida que o parque infantil das Portelas, na antiga escola, foi a obra que mais orgulho tivemos em fazer. Não só porque a fizemos totalmente com mão-de-obra da junta, mas porque a empresa que veio colocar o piso e os brinquedos disse logo que estava um trabalho espectacular. Ainda hoje gosto de passar por lá e ver como ficou bonito e ver as crianças a brincar.

«O parque infantil das Portelas foi a obra que mais orgulho tivemos em fazer»

Como avalia a vossa equipa?

Quem não sabe, os mais velhos ensinam. Cada um de nós é diferente e tem mais jeito para uma ou outra coisa. Formamos uma equipa unida, de homens que se ajudam uns aos outros. Claro que, como em todos os lados, por vezes há pequenos conflitos, mas nada que não se resolva de imediato. O melhor exemplo do bom ambiente vivido é o almoço semanal que fazemos aqui no estaleiro, sempre às sextas-feiras. Aqui, somos uma família.

Há trabalhos muitos duros?

Há sim, sobretudo a limpeza de valas e caminhos rurais e florestais, quando é feito no verão debaixo de muito calor. Era um trabalho que antes era feito pelos cantoneiros e que agora cabe às juntas de freguesia. As máquinas ajudam muito, mas ainda há muito trabalho de braços que custa muito...

Ser calceteiro também não deve ser fácil...

Não é porque a posição de trabalho causa dores nas costas, mas sabemos que é a nossa função e fazemos com gosto

porque todos gostam de ter os passeios arranjados. Sabemos bem a importância de tapar um buraco onde alguém pode cair ou fazer uma rampa para que uma cadeira de rodas possa passar...

Como é a organização do trabalho?

Algo que se nota muito dos últimos anos para cá é que estamos mais organizados e a equipa é mais completa. Com a entrada de mais homens, nos últimos meses, conseguimos chegar a todo o lado, o que não é fácil. Só para dar um exemplo, só este ano já fizemos três limpezas no Bairro da Chesgal. As ervas daninhas não dão descanso, mas nós não baixamos os braços.

E sente que as pessoas reconhecem esse trabalho?

Acho que sim. Às vezes até nos dizem que parece que andamos em todo o lado. O mais importante é que temos uma equipa muito boa, com muita experiência, que é capaz de encontrar soluções onde parecem que não existem.

E da parte do Executivo?

O presidente sempre disse que não quer que nos falte nada. Somos tratados com respeito e dão-nos responsabilidade e liberdade. Uma das coisas onde isso se nota é, quando há uma vaga de calor, termos a liberdade de fazermos os horários mais convenientes para evitarmos as horas mais difíceis. Por decisão de todos, começamos muito mais cedo e paramos à hora de almoço. É melhor para todos e melhor para o trabalho.

Sem discriminações...

Aqui somos todos iguais e remamos todos para o mesmo lado, até porque isto também nos toca a nós e às nossas famílias. Somos todos de Lagos e queremos o melhor para a nossa terra.

É, portanto, uma equipa multifacetada, pronta para tudo...

Fazemos de tudo um pouco e só não fazemos o que não podemos. A mesma equipa que de manhã está a montar um palco, à tarde está a fazer a limpeza do matto de uma escola. No dia seguinte, os mesmos homens podem estar a montar um parque de jogo e recreio e depois arranjar uma calçada ou substituir uma canalização. Somos uma espécie de pronto socorro para a freguesia... *

CÉLIA COSTA

«Quando outras portas se fecham, as da Junta estão sempre abertas»

Não haverá alguém que a população de Lagos mais facilmente identifique como funcionária da Junta de Freguesia do que Célia Costa. Com 34 anos de vida dedicada à autarquia, o facto de ser responsável por muitas atividades exteriores deu-lhe uma visibilidade única. Por tudo isso e muito mais, vale bem a pena ouvir o que esta lacobrigense dos sete costados tem a dizer sobre o passado, presente e futuro desta que é a sua casa há mais de três décadas...

Como se deu a sua entrada neste mundo da função pública?

Tirei um curso profissional na Escola Secundária Júlio Dantas e, curiosamente, apesar de ter trabalhado muitos anos na Junta de São Sebastião, comecei mesmo por fazer um estágio na Junta de Santa Maria. Depois saí, passei pelo Hospital de Lagos, e só depois me candidatei a um lugar na Junta de Freguesia de São Sebastião, onde fiquei desde sempre, até que em 2013 passei a fazer parte dos quadros da nova Freguesia de São Gonçalo.

E como era a junta no final dos anos 80?

Era tudo muito diferente. Passávamos algumas certidões, como a Prova de Vida, dávamos apoio a clubes, associações ou às paróquias da cidade quando nos pediam,



e ainda fazíamos algum apoio assistencialista aos mais pobres. Tudo isto além do apoio aos atos eleitorais, que sempre foi uma das minhas responsabilidades.

Que Lagos era essa?

Era uma cidade bem diferente da atual, com mais gente nascida e criada por cá e muito menos estrangeiros, quer sejam residentes, quer sejam turistas. Lagos mudou muito desde a entrada do novo milénio.

E a Junta de então e de agora... como se pode comparar?

Quase nada dá para ser comparado. Eramos muito poucos, fazíamos tudo à mão e as competências eram muito menores. Tudo tinha de passar pela Câmara ou pelos outros organismos do Estado. Basicamente, eramos uma instituição importante em alguns momentos, como a questão eleitoral, mas as juntas de então quase só faziam trabalho de apoio e encaminhamento.

Foi um processo lento...

Foi, até porque muitas das competências que hoje estão nos municípios ainda estavam nessa altura no Poder Central. Só aos poucos, como por exemplo a questão dos caniços, é que as juntas foram ganhando peso e competências, transformando-se no que são hoje, com vida própria e sem estarem dependentes de outros poderes.

Nada era digital...

Quase nada. Era tudo digamos analógico. As atas feitas à mão, a correção dos erros era muito difícil, as convocatórias, atestados e editais tudo à máquina de escrever...

Sobretudo seria difícil a distribuição de informação oficial...

Ainda hoje tenho responsabilidades na distribuição de informação por vários locais da freguesia, sobretudo nos núcleos rurais, onde o facto de todos me conhecerem como a «Célia da Junta» ajuda muito. Falo dos editais, das convocatórias para o serviço militar, hoje Dia da Defesa Nacional, e muita outra informação que, por Lei, tem de ser afixada em locais públicos.

Por muito que queiram colocar tudo informatizado, nada substitui o contacto pessoal, a informação personalizada e o chamar a atenção dos interessados sobre os vários programas que a Junta e a Câmara têm, sobretudo para os mais idosos. É isso que fazemos, sobretudo junto das populações rurais e que estão deslocadas da cidade.

Para si, qual é o verdadeiro papel das Juntas de Freguesia?

A Junta, mesmo não sendo responsável por muitas áreas, continua a ser o local onde as pessoas vêm falar sobre situações muito particulares, como um buraco na estrada ou a limpeza de zonas verdes próximas de sua casa ou do local de trabalho. Esse é, quanto a mim, o grande papel das juntas: ser o primeiro local onde a população pode expor um problema que precisa de uma resolução rápida.

Mesmo quando não é competência da Junta...

Mesmo assim. A maior parte das pessoas não tem conhecimento das competências, sejam elas da Junta, da Câmara ou



«Por muito que queiram colocar tudo informatizado, nada substitui o contacto pessoal»

do Estado Central. Querem é o problema resolvido, independentemente de quem o faça. Quando o pedido ou queixa nos ultrapassa, o que o que fazemos é encaminhar a situação, não deixando nunca de dar conta ao interessado em que pé está o processo de resolução do problema. E é isso mesmo que faz toda a diferença. As pessoas percebem que o que dizem não ficou esquecido...

É assim que se estabelecem relações de confiança que vão para lá do trabalho...

Nem mais. Para dar alguns exemplos, por vezes a título pessoal damos apoio direto a pessoas que vivem só e não têm ninguém que as ajude. São pessoas que têm muita dificuldade de perceber o que têm de fazer perante a Lei ou as normas que estão sempre a mudar e, por isso, precisam de alguém de confiança que lhes explique o que podem ou não fazer. Por vezes nem há problema nenhum e o que precisam mesmo é de uma palavra de apoio e companhia para combater a solidão...

E ainda se tratam pessoas pelo primeiro nome...

Quase sempre. E isto passa-se, não só com as pessoas a título individual, mas

também com instituições. Temos uma relação de confiança muito grande com os responsáveis pelas paróquias, clubes ou associações da freguesia, o que nos permite resolver problemas sem ser preciso que a burocracia imponha os seus prazos.

Quando há urgência, primeiro resolvemos e depois tratamos da papelada. É uma lógica totalmente ao contrário do resto da função pública onde a burocracia está sempre primeiro. Na Junta não, primeiro estão as pessoas e os seus problemas e só depois a máquina burocrática.

A relação com as chamadas «forças vivas» da freguesia é boa?

Excelente. Todos sabem a facilidade que há em chegar ao contacto com a Junta e o que podemos ou não fazer para ajudar. Acima de tudo, há muita confiança entre todos nós.

Como sentiu o momento da fusão das juntas de freguesia de São Sebastião e Santa Maria?

Hoje, à distância de uma década, todos percebem que foi melhor para os fregueses, porque deixaram de ter dúvidas sobre onde pertencem. Somos uma cidade só e faz sentido haver apenas uma única Junta de Freguesia para não gerar discrepâncias.

As pessoas entendem a importância de uma Junta?

Penso que sim e isso viu-se na altura da pandemia, pois foi uma fase em que a Junta e todas as estruturas públicas mostraram a sua verdadeira importância. Nos momentos mais difíceis, eu e as minhas colegas chegamos a ir levar comida a casa das pessoas mais isoladas e, nessa altura, a confiança entre a população e o pessoal da Junta saiu muito reforçada.

Como imagina o futuro das juntas de freguesia?

Acredito que vão continuar a crescer, não só em termos de pessoal, como de competências. As juntas de freguesia são muito importantes para uma comunidade. São o último local onde as pessoas sabem que se podem dirigir com alguma facilidade e receber o primeiro apoio. Quando outras portas se fecham, as da Junta estão sempre abertas para que ninguém saia daqui sem o seu assunto encaminhado e sem uma palavra de conforto. •



DESPORTO DE A A Z FUTSAL

Lagos com Esperança na aposta no feminino

Apesar de não ser uma modalidade com tradição no nosso concelho, o Futsal tem tido uma evolução brutal no nosso País que, aos dias de hoje, é uma potência mundial desta modalidade em crescimento permanente neste século. Em Lagos, a aposta tem sido marcada pelo crescimento do Futsal feminino.

O Esperança de Lagos é o único clube da nossa freguesia a apostar no Futsal, provavelmente a modalidade desportiva com maior crescimento nos últimos 20 anos em Portugal. No caso das seleções nacionais, Portugal tem ganho tudo o que há para ganhar a nível europeu e mundial, o mesmo se aplicando às equipas nacio-

nais nas competições europeias, sobretudo o Sporting – nos anos mais recentes – e o Benfica que foi o primeiro a sagrar-se campeão europeu.

Na região algarvia, o Portimonense tem sido o emblema em maior destaque nos últimos anos, mas o Esperança de Lagos iniciou há alguns anos uma aposta



CLUBE DE FUTEBOL ESPERANÇA DE LAGOS

Morada
Parque de Campismo da Trindade
Rossio da Trindade, 8600 Lagos

Telefone
(+351) 282 048 328

E-mail
comunicacao.cflagos@gmail.com
esperancalagos@afalgarve.pt

na modalidade, tendo neste momento uma equipa sénior masculina e duas formações femininas (seniores e juniores).

No que aos seniores masculinos diz respeito, a formação lacobrigense participa na Liga 1 Algarve Futsal, tendo terminado o campeonato da corrente temporada na 9.ª posição. Já em femininos, a grande aposta do clube, apesar da pouca experiência os resultados têm sido globalmente positivos, sendo que no escalão de juniores há muitas atletas que, tendo ainda idade de juvenil, fazem acreditar que o futuro poderá ser muito positivo.

Para já, o que se espera é que mais clubes possam abraçar esta modalidade, assim como a extensão do projeto do Esperança de Lagos a mais escalões de formação, tanto em masculinos, como em femininos. •



PELAS RUAS DE LAGOS ANTÓNIO BARBOSA LOBO DE VIANA

Bom liberal e liberal bom

António Barbosa de Viana nasceu em 1792, em Monserrate, uma pequena aldeia do concelho de Viana do Castelo, sendo filho de Francisco José Barbosa e de Maria do Resgate Coelho Barbosa Lobo.

Ainda muito jovem, num bom exemplo da sua intrépida perseverança e espírito de sacrifício, partiu para Lagos onde criou uma empresa de grande sucesso. Segundo rezam as crónicas, era conhecido pela seriedade que colocava em tudo o que fazia, sobretudo nas transações, e por toda a tenacidade com que geria os negócios.

Em 1825, casou com Maria Santana Costa Franco mas, ainda antes disso, assumiu-se como um defensor acérrimo do liberalismo, tendo-se envolvido na revolução liberal de 1820. Foi ainda parte



ativa na Guerra Civil Portuguesa, entre 1828 e em 1833, e na Revolução de 1846.

Durante a Guerra Civil, foi recrutado pelo governador do Algarve para manter a ordem nas ruas de Lagos, contra agitadores Miguelistas. Devido aos seus

atos, foi nomeado para diversos cargos políticos, tendo, em 1846, feito parte da Junta Filial.

Sendo um bom liberal, foi acima de tudo um liberal bom. Visitava os bairros mais pobres da cidade, dando sempre uma palavra de apoio a quem mais precisava e pagando do seu bolso muitos dos medicamentos que escasseavam para os menos abonados, tendo sido particularmente importante durante uma epidemia de cólera que assolou a cidade.

António Barbosa de Viana, que viveu grande parte da sua vida numa casa no centro histórico de Lagos, faleceu a 9 de abril de 1873, sem deixar descendência, quando contava com 80 anos de idade. Lagos haveria mais tarde de o homenagear, dando o seu nome à rua onde se situava a casa onde sempre viveu. •

PATRIMÓNIO ANTIGO POSTO DE TURISMO DE LAGOS

Varanda para a cidade

Localizado na interseção entre as ruas 25 de abril, Lima Leitão e Afonso de Almeida, o edifício do antigo posto de turismo de Lagos é um dos mais icónicos da cidade, sobretudo pela sua localização única e privilegiada numa das zonas mais movimentadas da cidade.

Construído no início dos anos 40, tem um estilo designado de «Português Suave», sendo uma variante nacional do estilo modernista de teor neo-tradiconalista, muito típico do Estado Novo, sendo um dos exemplos mais visíveis deste estilo, a par com outros dois bem conhecidos dos lacobrigenses: o Tribunal de Lagos e o Cinema (Lagoshopping).

Na década de 60, o imóvel era utili-

zado como posto de turismo, sendo que o primeiro piso estava reservado para a biblioteca, num investimento municipal da época que contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Até ao final do século XX foi sempre utilizado como Posto de Turismo, sendo posteriormente o local escolhido como Posto de Informação Municipal e do Exército, além de, mais recentemente, ali funcionar a Fototeca Municipal.

Paralelamente, os artesãos de Lagos utilizavam este espaço para venda dos seus produtos, em mais uma demonstração das potencialidades comerciais do imóvel, tendo em conta a sua localização. •



COMEMORAÇÃO DIA INTERNACIONAL DA CRIANÇA

**insufláveis
comboio
lagarta
e outras
surpresas**

**dia 04 junho (Domingo),
no Parque da Cidade (Anel Verde),
das 10h às 13h e das 14h às 19h**

organização:



FREGUESIA DE SÃO GONÇALO
DE LAGOS

